



JÁ VISTO JAMAIS VISTO?

Andrea Tonacci

Resumo: Imagens filmadas e esquecidas, abandonadas, perdidas, escondidas, quando encontradas, parecem permanências no tempo revelando a impermanência de tudo, passado, presente, fugazes de um momento, são como alteridades que emergem de outros tempos e lugares distantes e desconhecidos, nunca vistos nem lembrados, paisagens, pessoas, movimentos, que são como vazios pedindo sentimentos. Olhamos a aparência, o aspecto, sem percebermos ainda sentido apesar da intenção do olhar que as materializou, e eis que nos invadem como um devir memória de um passado até então ausente.

A primeira coisa que me veio à mente ao pensar sobre found footage, apesar de não serem, foram os desenhos dos enviados de Montezuma a Cortez, que desenhavam tudo que viam dos espanhóis, expressões, roupas, barbas, armas, armaduras, navios, cavalos, para que deles Montezuma visse “pelo rito que reproduz e encena, a imagem do mito que conta a história.” (Beneviste cf. Agamben).

Imagens filmadas e esquecidas, abandonadas, perdidas, escondidas, quando encontradas, parecem permanências no tempo revelando a impermanência de tudo, passado, presente, fugazes de um momento, são como alteridades que emergem de outros tempos e lugares distantes e desconhecidos, nunca vistos nem lembrados, paisagens, pessoas, movimentos, que são como vazios pedindo sentimentos.

Olhamos a aparência, o aspecto, sem percebermos ainda sentido apesar da intenção do olhar que as materializou, e eis que nos invadem como um devir memória de um passado até então ausente.

Eventualmente são silenciosas, onde “realidade e ficção se confundem num mutismo loquaz”, precisamos da nossa vivência para atribuir-lhes sentido, para vê-las, e sentir o que imaginamos ao vê-las, o sentido que revelarão, o presente sentido com que as revelamos.

Onde e quando, como e quem, talvez date e localize o que nelas vemos, mas o que se descobre e revela é o nosso trajeto de encontro imaginário com o que interpretamos representado.

Found footage afinal somos nós mesmos no tempo e no espaço, é nossa história que atualizamos constantemente, própria ou alheia na origem, mas pessoal no encontro, como uma “relição profanadora”.

Imagens como interfaces de uma materialização atual de alteridade à nossa revelia, imagens nossas, feitas por nós ou por outros, provas passadas de sombras futuras, atribuições, ficções e sentimentos que nos permitem imaginar nossa história.

Independentemente de seu estado físico ou da ética com que as revitalizamos e revivemos no presente, tudo vale. A humanidade que as produz, que as perde, esquece, encontra, usa e comenta, sempre foi objeto e sujeito da própria reflexão.

Serão sempre autorreferências condicionadas da invenção que podemos fazer de uma identidade imaginada e imaginária. Tanto faz, porque nas imagens que materializamos está implícita nossa história, nossa subjetividade, seja a que as manipulando conseguirmos induzir ou intuir, porque são como a nossa própria vida, podemos fazer delas e com elas o que quisermos.

Sempre dependerão de quem as encontre, é a possibilidade ao vê-las de deixarmos levar pela revelação de um acervo secreto de intenções, desejos e conveniências.

Podem ser como manuscritos milenares enterrados que só se reencontram refazendo o caminho às vezes físico e mental de quem os enterrou, e que agora revistas

só sobreviverão na conveniência da interpretação que possam reencarnar-nos no presente, o que também pode ser causa de seu novo desaparecimento, como uma revelação também das intenções do esquecimento.

Objetos de intuição, indução e intenção de uma arqueologia de nos mesmos, “narradores e ouvintes ao mesmo tempo, interpretes e autores de uma poética voluntária do sonho”, como disse Borges, “personagens oníricos, e nós, juízes e espectadores, que ao encontra-las nos dizem que a ficção podemos ser nós”, não elas, registros de um infinitésimo de materialidade impermanentemente presente.

O que escolhemos ver nas imagens? Que detalhes, enquadramentos, profundidades, transparências? Que instrumentos, que conhecimento temos para identificar as visões e intenções dessas provas de esquecimento?

Found footage é a possibilidade de verificação de um sonho que se torna espetáculo presente, e nós, “heterônimos vivos de algum autor morto”.

São como pequenas luzes no horizonte, como os vagalumes de Pasolini, que piscam fugazes existências amorosas de uma alteridade por nós desejada, imaginada e esquecida.

Reflexos longínquos a dar-nos um rumo no nosso desconhecimento, no percurso do esquecimento que contém nossa própria história, como caminho de conhecimento de um devir memória.

Cito fragmentariamente Ranciére: “Visibilidade e potência de significação, poder de antecipar efeitos, relações entre o dizível e o visível, maneiras de jogar e interpretar, transitar no antes e depois, na causa e efeito, na alteração de semelhança, no atendimento à necessidade de palavras para incorporar o visível, relações de um ser atual com a proveniência e destinação das imagens, distância de si mesmos, como um discurso cifrado da história em que assistimos à encenação dos personagens que estamos criando. Uma interpretação consciente do inconsciente”.

São criaturas e criadoras, provocadoras de narrativas subjetivas da vontade consciente. Provocam sentidos que surgem da vontade e do desejo, e que ao encontra-las forçam essa vontade e desejo de revê-las. Reveladoras de palavras silenciosas de um discurso interior de desejo e domínio. Ficções do desconhecimento como coerção de conhecimento. Fragmentos de um passado cujo futuro precisa ser inventado.

Andrea Tonacci nasceu em Roma em 1944 e em 1953 mudou-se para São Paulo. Foi um dos primeiros a usar vídeo portátil no Brasil. Em 1978 recebeu bolsa da Fundação Guggenheim, e até 1984 documentou a resistência social indígena nas Américas e a utilização de mídias audiovisuais pelos índios. Desde 1965, realizou, entre outros filmes, *Bang Bang* (1970), *Óculos para ver pensamentos* (1994), *Serras da Desordem* (2005) e *Já Visto Jamais Visto* (2013).